

# **41º Encontro Anual da Anpocs**

GT-14:Imagens e Ciências Sociais: experiências de ensino e  
pesquisa

## **O Brasil da telenovela e do jogo político: um estudo de caso do impeachment de Dilma Rousseff e a estética das telenovelas brasileiras no ano de 2016.**

**Vera Lucia M. Chaia<sup>1</sup>**

**Cristina Maranhão<sup>2</sup>**

**Silvana G. Martinho<sup>3</sup>**

**CAXAMBU – MG. 2017**

- 
- 1 Professora do Departamento de Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pesquisadora do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) da PUC-SP, do CNPq e da FAPESP.
  - 2 Doutora em Ciências Sociais pela PUCSP, professora do SENAC, pesquisadora da FAPESP e do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) da PUC-SP.
  - 3 Doutoranda em Ciências Sociais pela PUCSP, pesquisadora da FAPESP e do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) da PUC-SP.

# **O Brasil da telenovela e do jogo político: um estudo de caso do impeachment de Dilma Rousseff e a estética das telenovelas brasileiras no ano de 2016.**

**Resumo:** Para alguns estudiosos do fenômeno da imagem, a Sociedade Espetacular faz uso e difusão da televisão na construção das relações sociais. O Brasil é conhecido como um dos maiores produtores de telenovelas e já foi ganhador de diversos prêmios internacionais pela qualidade de suas produções, somos o país do futebol, do samba e das telenovelas. Procuramos investigar como as produções "globais", no ano de 2016, O Velho Chico e Liberdade, Liberdade, contribuíram, em aspectos sociais e estéticos, nos acontecimentos políticos do desenrolar do impeachment de Dilma Rousseff. A análise está vinculada à pesquisa temática "Lideranças Políticas no Brasil: características e questões institucionais", que busca compreender a Liderança Política no Brasil, assim, através da crise no executivo, na existência do personagem e líder comunitário, na figura do coronel e na existência da filha de Tiradentes, construiremos um olhar para o país e como ele vivenciava as mudanças e a queda de um poder majoritário.

**Palavras Chave:** Liderança Política; Telenovela e Impeachment.

**Abstract:** For some scholars of the phenomenon of the image, the Spectacular Society makes use and diffusion of the television in the construction of the social relations. Brazil is known as one of the biggest producers of telenovelas and has won several international awards for the quality of its productions, we are the country of football, samba and soap operas. We seek to investigate how the "global" productions in the year 2016, O Velho Chico e Liberdade, Liberdade, contributed, in social and aesthetic aspects, to the political events of Dilma Rousseff's impeachment. The analysis is linked to the thematic research "Political Leadership in Brazil: Characteristics and Institutional Issues", which seeks to understand Political Leadership in Brazil, thus, through the crisis in the executive, in the existence of the character and community leader, in the figure of the colonel and in the existence of the daughter of Tiradentes, we will build a look at the country and how it experienced the changes and the fall of a majority power.

**Key-words:** Political Leadership; Soap opera and Impeachment.

## **Introdução:**

Durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff, o Brasil, sem dúvida alguma, passou por mais um momento de transformação. Podemos afirmar que aconteceu de forma dolorosa, drástica e com consequências que ainda não sabemos mensurar ao certo. Precisaremos do afastamento histórico para compreendermos as análises produzidas e verificar os efeitos dessas transformações.

No processo de conclusão da novela *O Velho Chico*, de Luis Fernando Carvalho, um dos personagens principais precisou ser reinventado para chegar até o final da trama, já que o ator que conduzia brilhantemente o papel sofreu um acidente que o levou ao óbito no final das últimas cenas externas, foi dragado pelas águas do Rio São Francisco.

Iniciamos o artigo com duas dramaticidades da vida real, a morte do ator e, conseqüentemente, de seu personagem, uma espécie de herói na trama, e o impeachment da Presidenta da República culminando com o fim de um projeto político de mais de 12 anos de poder. Fatos que, aparentemente, seriam isolados um do outro, pois, quais seriam as relações entre as ficções e a vida real? Esta é uma pergunta difícil de responder, mas temos como premissa que na arte há uma capacidade e uma sensibilidade de fazermos compreender os entraves da vida real. Logo, propomos aqui criar um paralelo, entre os temas, os personagens (atores ou políticos) e, de certa forma, na trama ficcional e na trama política, para vislumbrarmos o momento tão particular que o país vivenciou.

No ano de 1989, o Brasil passou por outro período de grande transformação, foram disputadas as primeiras eleições diretas para a Presidência da República, após anos de ditadura militar, os direitos dos cidadãos de elegerem seu representante de forma direta construiu um clima de euforia, felicidade e tensão durante todo o processo. Esta campanha foi acirradíssima, presenciamos, além da disputa real entre dois blocos caracterizados pelas diferenças ideológicas, uma mídia que não buscava imparcialidade alguma. Cada veículo de comunicação defendeu a sua linha editorial, valendo-se de todos os artifícios possíveis em imagens e texto. Na época, estava no ar a novela denominada *O Salvador da Pátria* de Lauro César Muniz, onde um agricultor boia-fria, representado por Lima Duarte, era envolvido numa trama política e disputava eleições Municipais, na cidade em que se passava a narrativa. Na época, a figura desse personagem xucro e, extremamente, caipira, como um quase Mazzaropi, foi, rapidamente, associada a imagem de Luís Inácio Lula da Silva, então candidato a presidência do país e com chances reais, segundo as pesquisas do período, de eleger-se.

Em sua dissertação de mestrado, Maranhão (2007) analisa a construção da imagem de Lula, pelas principais revistas do país durante as eleições de 1989 e 2002. Assim, a autora constatou que uma das mídias estudadas, a revista *Veja*, procurou

associar a imagem da personagem Sasá Mutema com a figura de Lula, com o lado xucro e sem preparo para o cargo que disputava. Esta associação pode ser observada na edição de 06 de setembro do mesmo ano, nela, a matéria de capa era com o então candidato à presidência. A princípio, a capa não buscou criar esta relação, mas a imagem escolhida para ilustrar a matéria interna trazia uma caracterização e uma relação direta com o personagem global.

A matéria possui duas imagens: a primeira está no índice e é uma imagem de comício, onde Lula está falando para várias pessoas; e a segunda, já dentro da revista, ocupa mais ou menos o espaço de meia página e mostra o candidato em plena campanha num bairro mais popular. Lula atravessa as tábuas de madeira que são provavelmente o acesso entre as casas, sendo ajudado por alguém. Na imagem ainda se vê um menino pendurado na passagem e sua expressão corporal destoa da de Lula, que precisa ser ajudado para não cair na viela.

Este contraste corporal entre o menino e Lula não condiz com a legenda que acompanha a imagem: “Lula em campanha: de herói da novela das oito e o menor patrimônio financeiro entre os candidatos à cadeira de Sarney.” Primeiramente a idéia de um herói das novelas globais jamais precisaria de ajuda para caminhar e nem usaria uma camisa que denunciasses sua forma física ( MARANHÃO, 2007;82).



A relação direta entre a figura política e o personagem é produzida pela revista numa tentativa de descaracterizar a força que o candidato alcançava durante a campanha eleitoral, porém foram os artifícios criados pelos poderes hegemônicos nacionais e com uma grande ajuda de setores da mídia nacional que conseguem descaracterizar Lula, derrotado nas eleições de 1989. Lula, o PT e o seu plano de governo alcançaram seus objetivos somente no ano de 2002, quando conseguem eleger-se, pela primeira vez à presidência, e iniciam um projeto político que culmina com a eleição de sua sucessora Dilma Rousseff, em 2010.

Compreender a liderança, sua emergência, estabilidade e representação, passa, necessariamente, pela relação construída com os veículos de comunicação. Nesse sentido, pretendemos, ao longo do texto, dialogar com autores que trabalharam a temática da liderança política para relacionarmos com a questão do poder simbólico, como: Deboard (2000) Bourdieu (1997), Lopes (2003), Tótorá e Chaia (2016), entre outros.

### **A relação entre o sensível e a ficção:**

As imagens estão no mundo para que possamos compreender aspectos que nossa racionalidade não permite. Esta afirmação nos apresenta o universo das imagens e mostra que está relacionado, diretamente, com o âmbito da sensibilidade. Mesmo que no dia a dia nos esforcemos para nos desligar desta relação e se apresenta numa configuração nos escapes do inconsciente. Assim, as imagens nos permitem atrelar ao mundo da percepção e do não dito. Para o teórico Vilém Flusser (2002), o âmbito das imagens está ligado a capacidade de nos relacionarmos ao mundo a partir de uma relação mágica com os acontecimentos, ou seja, a imaginação. Porém, esta relação quase mítica do universo das imagens se dilui com dois grandes acontecimentos: (1) o uso da escrita como principal meio de expressão e (2) a consolidação de uma sociedade com fortes pilastras fincadas nas relações espetaculares. Assim, nossa sociedade atual perdeu, ou melhor, dissolveu, esta capacidade de relacionar com sua potência de *imaginação* para construir com as imagens uma relação de troca e puramente comercial. (MARANHÃO,2013). As imagens, na sociedade do espetáculo, não permitem que possamos nos ater a complexidade que elas carregam só nos deixam vivenciar a sua superficialidade.

Outra complexidade do âmbito das imagens já havia sido explorada por Walter Benjamin antes mesmo da nossa sociedade se fincar no espetáculo. O autor em seu texto célebre: “A obra de Arte na era da Reprodutibilidade Técnica” (1994), teorizou e nos mostra que, à medida que as imagens perdem sua relação com a tradição, perde, também, sua relação *una* primordial, permitindo que tais imagens, tecnicamente reprodutíveis (fotografia e cinema), proliferem discursos sem que ocorra uma crítica ou que percebamos tais imagens. Corroborando para a ideia desta diluição da potência de imaginação e relação com o sensível do universo das imagens.

Porém, tal característica de esvaziamento da potência da imagem descrita por tantos autores não é capaz de destruir a relação primordial conferida a relação - homem

apresentada inicialmente, existem momentos que as imagens deixam de carregar os discursos e nos mostram sua potência do sensível. Mesmo tratando neste artigo sobre telenovelas e sabendo que este formato é um dos principais responsáveis pela difusão e continuidade da sociedade do espetáculo ocorreu algo diferente com estas que fazem parte de nosso estudo. Não estamos dizendo que tais folhetins conseguiram romper a teia tão bem construída de alienação, mas conseguiram, no momento em que foram ao ar, transmitir ou mesmo associar aspectos do cotidiano do país, (temas) através do uso das imagens e de certa forma chamar atenção para algo que nem sabíamos o que de fato era. Tais produções tocaram no âmbito do sensível e fizeram com que nos deparássemos com algo que seria possível ver e sentir. Dito isso, analisaremos o contexto e alguns aspectos das duas telenovelas.

### **Liderança Política e Poder Simbólico:**

Para pensarmos sobre a Liderança Política partiremos do texto: “Liderança Política: Virtú e Parresía, de Chaia e Tótorá (2016), atrelado a ideia de poder simbólico de Bourdieu (1989). Este trabalho está inserido na pesquisa: ”Lideranças Políticas no Brasil: características e questões institucionais” (nº 12/50987-3), vinculada ao Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUCSP, na qual, uma das linhas pretende traçar as representações da construção da liderança política através das imagens.

De acordo com Chaia e Tótorá (2016), para compreender a emergência da liderança política deve se voltar para dois importantes momentos históricos, são eles: a Antiguidade Clássica e o Renascimento, pois, foram nesses contextos, que o olhar para o político ganhou novas formas, atrelado a um Estado que não estava estruturado como soberano. E é, exatamente, o que eles farão ao se debruçarem em dois termos chaves: “virtú” de Maquiavel e “parresía” de Foucault, a escolha desses dois conceitos deve-se a compreensão da política como jogo de relações de forças e, conseqüentemente, a relação do Ethos Político com a “potência do agir” em meio ao conflito, ou seja, são conceitos caracterizados pela racionalização da política e por isso, não estão relacionados a uma moral universal.

A partir do conceito de virtú e parresia, Chaia e Tótorá, apresentam definições vinculadas a temporalidade para a Liderança política. Dividindo entre Grécia Antiga, Idade Moderna e na atualidade, iremos nos apropriar da concepção nesse terceiro momento em que a liderança política é atribuída àqueles que catalisam mudanças sociais e lutam em prol dos interesses daqueles que comanda no embate aos discursos de oposição.

O poder simbólico para Bourdieu “é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo” (BOURDIEU, 1989:09). Na leitura de Setton (2002), o poder simbólico, segundo o autor seria como um poder invisível, que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão sujeitos a ele ou mesmo que o exercem.

Em sua obra *Sobre a televisão*, Pierre Bourdieu constrói uma análise sobre os fatores que cercam a televisão, abordando aspectos da difusão da informação e como estes se relacionam política e economicamente com o meio. Daremos destaque para o último capítulo, intitulado Uma forma de banalização, onde o autor afirma que a televisão, em seus telejornais, veiculou notícias banalizadas para não levar problemas para o espectador que estiver assistindo-os. Este aspecto dos telejornais produz um espectador acrítico e acostumado com o que vê. (BOURDIEU,1997) Podemos transportar tais colocações a respeito dos telejornais para as narrativas construídas pela televisão como um todo e dialogar com SARTORI (2000), em sua obra *Homovideos: televisão e pós pensamento*, ao problematizar sobre a absorção das produções midiáticas e o não questionamento de sua veracidade por parte do espectador. Assim, pensaremos como os artifícios do entretenimento estão proporcionando uma maior alienação ao expectador associando as imagens ao espetáculo (DEBORD, 2003).

Neste artigo, a telenovela torna-se, extremamente, importante para a construção dos acontecimentos nacionais. A autora Maria Immacolata Vassallo de Lopes comenta em seu texto intitulado: *Telenovela Brasileira: uma narrativa sobre a nação* (2003) como elas aparecem como um produto cultural de reconhecimento nacional, tornando-se responsáveis por uma penetração cultural e de certa forma propagadora da mesma. Através do folhetim cria-se uma uniformidade nacional alimentando um repertório comum, independentemente de classe social, sexo e gênero e assim a TV cria uma “comunidade nacional imaginada” que é captada e constantemente atualizada. (LOPES: 2003)

(...) não há dúvida de que a novela constitui um exemplo de narrativa que ultrapassou a dimensão do lazer, que impregna a rotina cotidiana da nação, construiu mecanismos de interatividade e uma dialética entre tempo vivido e o tempo narrado e que se configura como uma experiência ao mesmo tempo cultural, estética e social. (LOPES: 2003; 30)

Mauro Porto, um dos precursores na área da Ciência Política, também estudou que as “telenovelas brasileiras têm desempenhado um papel ativo e importante na discussão de temas e eventos políticos em diferentes períodos da história nacional. Os investigadores interessados no tema já têm à sua disposição um conjunto significativo de pesquisas que demonstram a presença de discussões políticas na ficção televisiva brasileira”



(PORTO, 2002). Para tanto Porto estuda a recepção da telenovela *Terra Nostra* (Rede Globo, 1999-2000) e realiza grupos focais para acompanhar a compreensão dos telespectadores sobre as temáticas levantadas na telenovela.

Assim, percebemos que o universo do folhetim tornou-se, extremamente, importante para compreendermos a conjuntura política que se desdobrava no ano de 2016.

### **Conjuntura e Impeachment:**

Para Venício Lima há um *Cenário de Representação da Política* (CR-P), em que a construção do ambiente político possui como agente de formação a mídia que, através da temática (a pauta, a agenda), estabelecem quais serão os limites e os termos deste novo local. A construção deste cenário e o estabelecimento das regras são passados através de um conjunto de aspectos midiáticos (novelas com seus mocinhos e bandidos, filmes, telejornais, programas humorísticos, etc.), que constroem uma atmosfera propícia para certos acontecimentos que podem, ou não, tomar proporções diferenciadas, dependendo das relações que já estiverem pré-moldadas. A adequação de algum personagem ao cenário só é favorecida se o mesmo perceber quais as regras que estão se estabelecendo. É importante ressaltar que o CR-P está em constante alteração, variando conforme as novas regras estabelecidas e cabendo aos personagens identificar estas mudanças e usufruir delas (ou não) (LIMA, 2004).

Podemos situar o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff em um contexto de narrativas simbólicas, de disputas políticas importantes no campo da ficção, com personagens de heroínas que mesmo que por vezes derrotadas lutaram bravamente pelos seus ideais.

Antes de falarmos do processo de impeachment, da presidente Dilma Rousseff, aprovado na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, é preciso compreender as relações em disputa ainda no primeiro mandato de Dilma, em meados do ano de 2013 e início de 2014, quando já havia uma instabilidade nas relações com os parlamentares, baixa aprovação e uma série de manifestações (jornadas de junho).

De acordo com Chaia (2016)<sup>4</sup>, estas manifestações mobilizaram milhões de pessoas em todas as capitais e em algumas cidades do país. Também devemos considerar as manifestações que começaram em 2013 e se acentuaram em 2014, com o posicionamento de vários segmentos contrários à realização do Campeonato Mundial de Futebol no Brasil, que aconteceu em junho de 2014. Não podemos desconsiderar que tais movimentos reivindicatórios se incorporaram a setores conservadores e forças que

---

4 Em Debate, Belo Horizonte, v.8, n.2, p.47-54, abr. 2016.



se opunham a essas manifestações e que ressurgiram na conjuntura do processo eleitoral de 2014. (CHAIA, 2016:49)

A campanha eleitoral de 2014 foi marcada pela acirrada disputa política e polarização entre o PT e o PSDB, atrelado ao intenso uso das redes sociais pelos partidos, eleitores e apoiadores, disseminando um discurso de ódio e medo. Pontuamos, também, a atuação da imprensa para construir e desconstruir narrativas, com ou sem evidências, direcionando o olhar do leitor em prol de seus posicionamentos e interesses, pautando, inclusive, o HGPE<sup>5</sup>.

A eleição de 2014 foi realizada em dois turnos com a reeleição de Dilma Rousseff (PT) com 51,64% dos votos válidos, enquanto Aécio Neves obteve 48,36%. A pequena diferença entre os números de votos já indicava certa dificuldade no âmbito da governabilidade que foi crescente na relação com o Congresso Nacional frente a ascensão dos grupos conservadores.

No ano de 2015, com forte apelo midiático e apoio de grupos conservadores como “Vem pra rua”, “Movimento Brasil Livre”, “Revoltados Online”, dentre outros. Ocorreram manifestações contrárias a Dilma Rousseff e ao PT nas redes sociais (Facebook, Twiter e Whatsapp), nas varandas dos apartamentos da classe média (panelaço), como “adoradores do pato” e nas principais ruas das capitais e algumas cidades brasileiras. Influenciadas pelas investigações da Polícia Federal no caso da operação Lava Jato e sob a moral da ética e fim da corrupção no Brasil, foram de suma importância para que o desdobramento favorável ao impeachment ganhasse forças. As primeiras consequências que podemos apontar para o governo Dilma corresponderam ao desmembramento de sua base aliada, incluindo o PSB e o PMDB, seguindo de um lado a uma série de derrotas no congresso frente a agenda do governo “orquestrado” por Eduardo Cunha e de outro, ao fortalecimento de Temer, como aquele capaz de “resolver” os problemas econômicos, políticos e sociais do Brasil.

Eduardo Cunha (PMDB), desde que assumiu a Presidência do Senado, atuou como o principal opositor da agenda política do governo e peça fundamental para o início da abertura e desenrolar do impeachment, pois, de acordo com o processo político/jurídico brasileiro é alçada do Presidente da Câmara dos Deputados aceitar ou não um pedido de impeachment.

Durante o ano de 2015 foram levados à Câmara trinta e dois pedidos de impeachment, o que culminou na aceitação do 32º correspondeu menos ao seu conteúdo

---

5 Ibidem.

e mais as disputas e jogos de poder entre, de um lado, dois projetos políticos distintos e de outro, as investigações na Lava Jato. Eduardo Cunha aprovou o pedido de impeachment em 02 de dezembro de 2015, no mesmo dia em que o líder do PT, Sibá Machado, anunciou que seu voto seria favorável à cassação de Cunha no Conselho de Ética na Câmara. Não há coincidências na política e sim um grande jogo de relações de forças.

Não foi apenas na aceitação do pedido que Cunha teve papel predominante, todo o processo de articulação por ele engendrado, desde o “desengavetamento”, passando pela comissão para preparar o relatório, indicando a relatoria do parecer, o fato dele ter pautado o congresso e levar a votação para o domingo, dia em que poderia ter forte manifestação popular contrária a Dilma já que vinha sendo, usualmente, utilizado pelos grupos pró-impeachment, e, por fim, definindo a ordem de votação dos parlamentares.

A votação do pedido de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff ocorreu em 17 de abril de 2016, na sessão da Câmara dos Deputados, durante horas, transmitida ao vivo pela emissora Rede Globo de televisão, com um resultado já esperado, apesar da surpresa com relação a discrepante diferença de números que definiram a continuidade do processo, e marcada por falas e atuações de deputados federais favoráveis e contrários a votação. O resultado foi de 367 votos favoráveis ao impeachment e 146 contrários.

Levado ao Senado, durante os dias 11 e 12 de maio de 2016, foi aprovado, sob a presidência de Renan Calheiros, após a relatoria de Antônio Anastasia (PSDB) e defesa do Procurador-Geral da República José Eduardo Cardozo, seguido dos discursos acalorados dos senadores, a continuidade do processo de impeachment de Dilma por 55 votos a favor e 22 contra.

Anibal Pérez Liñan, no livro “*Presidential Impeachment and the New Political Instability*”, estudou os processos de impeachment ocorridos na América Latina, nos últimos 25 anos, a partir do estudo dos seguintes casos: Fernando Collor de Melo, Brasil; Carlos Andrés Pérez, Venezuela; Raúl Cubas Grau e Fernando Lugo, Paraguai; Abdalá Bucaram, Equador; e concluiu que foram utilizados com a perspectiva de preservar as estabilidades democráticas em Repúblicas Presidencialistas indicando que os conflitos existentes entre o Congresso e o Executivo foram passíveis de resolução inseridas nos meios institucionais, distanciando-se das rupturas autoritárias que marcaram os anos entre 1950 e 1970.

Para o autor, o processo de impeachment não pode ser explicado apenas por um único elemento, mas, geralmente, por quatro fatores: (A) escândalo envolvendo o presidente; (B) mobilização popular; (C) perda de apoio do Legislativo e; (D) não participação dos militares no processo.

A partir do trabalho de Liñan, nos arriscamos a afirmar que há, ainda, dois outros fatores que podem ser pontuados para complementar os estudos sobre os processos de impeachments: (1) o elemento econômico e (2) a narrativa simbólica construída nos meios de comunicação. Com relação ao primeiro ponto, no caso do Brasil, Collor e Dilma vivenciaram grandes momentos de recessão econômica e no caso das narrativas simbólicas (imagens, telenovelas, mídias, etc).

O impeachment é um instrumento presente na Constituição, mas, seu uso não é, necessariamente, constitucional, demonstrando não o potencial democrático, mas seu contrário, o uso político da fragilidade institucional brasileira.

### **Velho Chico e Liberdade, Liberdade:**

No ano de 2016, a Rede Globo de televisão, principal difusora de entretenimento do segmento de telenovelas do Brasil, estava com duas produções no ar: (1) a primeira e com maior duração foi a novela *O Velho Chico* (de março a setembro daquele ano). Em seu enredo o rio São Francisco, que possuía tamanha importância durante o projeto de governo de Lula e Dilma, foi palco para uma disputa agrícola e amorosa entre um líder comunitário ligado à produção familiar e orgânica, contra um Coronel ligado ao agronegócio e pai da mocinha da trama. (2) Já, a segunda produção intitulada: *Liberdade, Liberdade*, (abril a agosto) trazia uma história ficcional da filha sobrevivente de Tiradentes que foi salva pelos inconfidentes mineiros e retornava a sua cidade para reconhecer suas origens. Com um discurso, extremamente, feminista, a protagonista, denominada Joaquina, lutará pelo fim dos desmandos da Coroa Portuguesa, pela liberdade de gênero, raça e crédito.

A telenovela “Velho Chico”, além da temática que abordaremos mais adiante, possui outras particularidades que a fizeram entrar para a história da televisão brasileira. Esta foi a primeira telenovela depois da emissão do sinal digital que apostou numa fotografia diferenciada com base na luz e enquadramentos de cinema. Isso a torna importante, principalmente, pois seu visual propunha um olhar atento para a imagem e para a luz. Com a temática voltada para o Rio São Francisco e a relação dos

agricultores, o homem da terra, a luminosidade da novela buscou construir uma dicotomia entre a pureza presente na água, na reza, na fé com o trabalho do homem em busca de sua riqueza. Seja fruto do seu esforço, seja parte de projetos onde o mesmo torna-se um corrupto dos princípios e da própria alma.

A novela que é digna de um romance de folhetim apresenta personagens bem definidos, entre a dicotomia “bem” e o “mal”, a mocinha e o mocinho (Maria Tereza e Santo) precisam lutar contra o mal em busca da plenitude do amor digno das obras literárias de William Shakespeare. Entretanto, como uma tragédia Shakesperiana, o fio condutor da história não compreende apenas no romance entre dois personagens, mas sim na disputa da política, há um jogo de relações de força onde a vida é objeto da política. O fio condutor relaciona-se com a disputa da vida, no uso da água do rio “Velho Chico” ou mesmo no uso de uma agricultura que proporcione a vida à terra e não uma agricultura de uma cultura que desgasta e cansa o solo.

Esta novela abordou de forma e com uma beleza plástica temas que de certa forma estavam na agenda nacional. Assim, na vida real enquanto Santo e Maria Tereza disputavam a relação terra/amor e rio/vida o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha do PMDB, evangélico, desafeto da presidente Dilma, fazia parte da bancada crítica do PMDB, o partido com maior representação de sua base aliada. Eduardo Cunha encontra-se preso, por participar de um esquema de corrupção da Petrobras. Naquela ocasião seu nome foi encaminhado pelo Procurador da República, Rodrigo Janot, para ser processado. Se a relação entre este político e a presidente Dilma já era complicada, após esta indicação, os políticos se rebelaram e atuaram para impedir que qualquer projeto de lei e/ou medida provisória encaminhada pelo executivo fosse aprovado.

A bancada conservadora do novo Congresso Nacional reflete a mudança no eleitorado, pois mostra a fragilidade dos setores progressistas, já que houve um refluxo nos movimentos sociais, ou seja, pouca representação política por parte desses grupos.

O então presidente da Câmara, Eduardo Cunha “tirou da gaveta” projetos que interferiam na vida particular das pessoas, além de privilegiar setores específicos. As políticas públicas, que abrangem setores mais amplos da sociedade, não entraram em pauta.

Enquanto isso, na ficção o universo do sertão e do rio se apresentavam da seguinte forma: a primeira cena da novela apresenta-se com um único plano sequencial, mostrando um de seus personagens principais, O Rio São Francisco, este apresenta a

vila (Grotas de São Francisco) as pessoas e alguns tipos (que posteriormente serão personagens) da trama. Esta telenovela possuiu três fases que foram referentes há três períodos históricos muito importantes para a história nacional, seja na política ou na vida cultural do país. A primeira fase acontece na década de 70 com o país vivendo um quadro político delicado da ditadura militar tendo em contrapartida a efervescência cultural da Tropicália. Já a segunda fase acontece nos anos 80 num Brasil que acreditava na abertura política num país mais justo e a terceira parte ambienta-se no momento atual, onde a agenda do agronegócio e da agricultura familiar é um dos pontos discutidos atualmente e que ganhou grande visibilidade pela mesma rede de difusão desta telenovela, com anúncios onde o mote é “agro é tudo” e com a agenda política pós-impeachment.

Já em *Liberdade, liberdade* a novela de Mario Teixeira inspirada no livro “Joaquina, Filha de Tiradentes” de Maria de José de Queiroz, veiculada na Globo, entre os dias 11 de abril à 04 de agosto de 2016, com 67 capítulos, no horário das 23 horas. Tais características citadas acima, quando a luz tornava-se protagonista da história não foram exploradas em *Liberdade, liberdade*. Nela, o mote se encarrega, principalmente, no texto e discurso de cada personagem.

Em uma mistura de personagens fictícios e personagens reais da história política brasileira, a novela conta a história de Joaquina, filha ilegítima de Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, com Antônia Maria do Espírito Santo. Apesar de sua real existência, as informações históricas sobre sua trajetória de vida são vagas, de acordo com Márcio Jardim, (1989) isso se deveu, pois as mulheres, na época, ao se casarem adotavam o nome do marido, apagando qualquer registro de sua família de origem, assim a história de sua personagem na novela é fictícia.

Na transição do século XVIII ao XIX, *Liberdade, Liberdade* parte do momento em que, de um lado jazidas de ouro se esgotando, de outro, a corte portuguesa exigindo os impostos atrasados. Em resposta a isso, um grupo de homens da elite de Minas Gerais, inspirados no exemplo norte-americano e no Iluminismo, começou a se reunir em Vila Rica para planejar uma rebelião e a proclamação de uma República independente, com capital em São João Del Rei (MG). A Conjuração Mineira e os conjurados foram denunciados e perseguidos, 10 deles foram condenados ao exílio e apenas Tiradentes à forca.

A pequena Joaquina assiste ao enforcamento de seu pai, perde a mãe, é enviada para Portugal e, após dezesseis anos volta ao Brasil. O encontro com a realidade

escravocrata brasileira gera indignação na jovem, que questiona todos os maus tratos aos escravizados exercidos por parte da personagem de Maitê Proença chamada Dionísia que é tia de Joaquina.

Na trama a personagem com fortes traços feministas para a época, trazendo para atualidade esta temática de abolição e início do Iluminismo no Brasil, constrói uma personagem que de certa forma trazia traços da luta que ocorria no Congresso Nacional. Não que Dilma Rousseff seja uma militante do feminismo atual, já que este ganhou força e proporções a partir das lutas das secundaristas na cidade de São Paulo, mas a imagem de Dilma lutando contra um congresso machista, retrógrado e com ideias próximas ao conservadorismo que Joaquina presenciou na cidade de Vila Rica ao se encontrar com a sociedade mineira do século XVIII.

Outra temática que é apresentada pela trama e trabalhada pela personagem central foi o caso de seu irmão homossexual colocado como um menino “afeminado” já nos primeiros capítulos, o personagem André (Caio Blat) com o oficial truculento e algoz de Tiradentes, Tolentino (Ricardo Pereira) que para a época tal prática era denominada de sodomia e vista como pecado perante a lei de Deus e para a lei da Coroa Portuguesa onde a sentença era a força pelo crime de Lesa-majestade. É importante frisar que esta foi a primeira novela onde o ato sexual entre dois homens foi visto pela população, até então somente havia ocorrido o beijo-gay na trama da novela *Amor à vida* (maio de 2013 a janeiro 2014) entre dois personagens da ocasião e não podemos deixar de associar aos projetos de lei que a “bancada evangélica” propunha em questão sobre a “cura-gay”.

A trama se encerra com a condenação de Joaquina para ter o mesmo destino de seu pai, a morte, entretanto, com a ajuda do seu par romântico digno de um folhetim, Xavier, e outros rebeldes, fogem para Portugal.

### **Considerações Finais:**

Já está claro que o universo das imagens explica de forma, inconsciente, questões que aparecem para nós, as vezes, estão transfigurados por aspectos concretos. Nas novelas aqui citadas ocorreram suas particularidades, não existe, aparentemente, nexos possíveis entre elas, porém nosso campo de disputa política da conjuntura do processo de impeachment atrelado a um pensamento conservador latente tornou-se o principal fio condutor das narrativas. Esta hipótese é apresentada pelas questões dos

personagens, como o homossexualismo/cura-gay, o agronegócio/ agricultura sintrópica<sup>6</sup> (familiar), feminismo entre outros.

No texto, citamos trabalhos de autores da comunicação política, tais como: Porto (2002), Lima (2004) e Chaia (2016) que a partir de suas reflexões direcionaram o nosso olhar atento sobre as tramas e tais associações, onde não é que aqui a vida imitou a arte, mas a arte se apropriou, talvez de forma imperceptível dos processos em curso no momento, como a destruição de um projeto político em curso.

Tal afirmativa pode ser feita, pois percebemos que tanto na primeira novela quanto na segunda existiram aspectos que nos permitem chegar a esta conclusão.

Em *Liberdade Liberdade*, a disputa política está na conquista da cidadania, expressa nos direitos políticos, civis e sociais, que é de certa forma trabalhada com uma relação tensa entre mandados e mandatários, onde o ser social aparece como o negro foragido e a luta por seus direitos. Mesmo sendo uma telenovela de época e assim com seus encantos de uma mocinha guerreira, a novela, com as temáticas sociais, refletiu muito as disputas políticas contemporâneas, visto que assistimos, ainda hoje, um genocídio negro institucionalizado por políticas de Estado.

Já, em *O Velho Chico*, a disputa política não se dá, necessariamente, pela grande política, ela ocorre no âmbito do corpo, onde o amor se faz uma arma de disputa aos grandes oligárquicos. A figura mística da água transforma-se na vida, do amor ao sertão, o corpo se apresenta como a cidadania e refletidos na terra, no amor e na fé. Contradizendo um congresso atual cada vez mais entrelaçado com as questões de inversão da separação entre o Estado de direito e a religião.

Por fim, não poderíamos deixar de citar o processo de impeachment sofrido pela Presidenta Dilma Rousseff que foi transformado num grande espetáculo que culminou, não somente nas transmissões televisivas, mas num longa-metragem, extremamente, panfletário, retomando a importância da relação das representações das lideranças políticas, por meio das telenovelas e o universo das imagens, com os atores políticos e ideologias das conjunturas na qual estão inseridos e se fazem importante, pois elas aparecem como parte integrante das atribuições simbólicas do período e permite ampliar o debate em torno das imagens e as ciências sociais.

---

6 Agricultura sintrópica é o termo utilizado para o cultivo agroflorestal que se baseia no conceito de integração, organização e equilíbrio durante o cultivo para que ocorra uma e preservação de energia no ambiente.



### **Bibliografia:**

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997. LOPES, \_\_\_\_\_ . *O poder simbólico*. Trad: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

CHAIA, Vera. *O impeachment da presidente Dilma Rousseff???*. In: *Em Debate*, Belo Horizonte, v.8, n.2, p.47-54, abr. 2016.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre uma sociedade do espetáculo*; trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

LIMA, Venício A. de. *Comunicações no Brasil e velhos atores: Mídia, teoria e política*. 02ª edição, São Paulo, Perseu Abramo, 2004.

LINAN, Perez Anibal. *Presidential Impeachment and the New Political Instability* . University of Pittsburg, 2010.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação*. In: *Comunicação e Educação* n. 26. 2003.

MARANHÃO, Cristina. *O Poder da imagem fotográfica. Uma análise das imagens publicadas nas revistas veja e istoé de luiz Inacio Lula da Silva durante as campanhas presidenciais de 1989 e 2002*. Dissertação. PUC-SP 2007.

\_\_\_\_\_. *Imagens da Guerra: Brasil, Palestina e Portugal*. Tese de Doutorado. PUC-SP, 2013.

PORTO, Mauro. "Telenovelas e controvérsias políticas: interpretações da audiência sobre Terra Nostra", trabalho apresentado ao XI Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), Rio de Janeiro/RJ, 4 a 7 de junho de 2002.

SARTORI, Giovanni. *Homovidens: Televisão e pós pensamento*. Lisboa. Ed. Terramar. 2000.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. *Revista Brasileira de Educação*, USP, N°20. p. 60-70, maio-jun-jul. 2002.

TÓTORA, Silvana. CHAIA, Miguel. *Liderança Política: Parresía e Virtú*. In: *Contemporânea: Revista de Sociologia, Arte e Cultura da UFSCAR*. Vol. 06. n.02. 2016.